

# GAZETA DE ESPINHO

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Director e Editor—J. Praça de Vasconcellos

Redação e administração—Rua Dezanove n.º 29

ESPINHO

Propriedade da Empresa  
GAZETA D'ESPINHO

Composição e Impr. TIPOGRAFIA PENINSULAR

— 24 RUA DA BAINHARIA — 26 — PORTO

## MOMENTO DE DEFEZA

Na vida dos povos ha varios momentos historicos, em que se torna precisa a adopção de medidas que se coadunem e ajustem as colisões ou eventualidades emergentes.

Assim apparecem os momentos de reflexão, de indecisão, de coragem, de tranzigencia, de heroismo, de abnegação, etc.

Isto quer dizer que os governos das nações carecem de maliabilidade e condições de adaptação aos varios lances, vicissitudes e episodios, que surgem na existencia humana.

Vem a proposito recordar, citando ou evocando factos contemporaneos...

Após um acto revolucionario tem de definir-se uma situação de firmza, de inquebrantavel resolução.

Quando as finanças dum estado se encontram abaladas periclitantes e desordenadas, impõe-se o remedio de severas economias, de sacrificios e de onerosas e extraordinarias medidas de parcimonia e de moderação nos gastos. Toca a vez aos estadistas de recursos intellectuaes, de largas vistas e conhecimento perfeito das condições economicas, para revelarem então os seus predicados de administradores emeritos. E' o periodo de intranzigencia e dos rigôres administrativos.

Se as paixões politicas se exacerbam, numa efervescencia, que parece insuportavel de interesses partidarios a degladiarem-se, decreta-se a acalmção para resolver a crise e tem logar a politica anodina, conselheiral e de cordealidade meliflua.

Foi, precisamente, este o momento historico que antecedeu a formação do actual governo e coincidiu com os primeiros ensaios de sua vida politica.

Passou este momento. Agora succede-lhe outra epoca que demanda novos e diversos processos, outra tactica e porventura feição de direcção de diferente character.

A Republica sofreu ago-

ra os abalos de uma agitação violenta, apenas esboçada, mas que, nas suas manifestações desconexas, embora, revelava maquinações de inaudita ferocidade e de atroz e impiedosa represalia. Era um movimento de revolta, difundido e ramificado, que traduzia um proposito de demolição avassalador.

Malogrou-se a tentativa, —o que deve apenas constituir uma lição ou ensinamento proveitoso.

Soou, pois, o momento de defeza, de vigilancia, de prevenção!

Para corresponder a semelhante estado, necessario é que um governo de energia e de acção decidida tome conta dos destinos da Republica.

Vê-se, com toda a clarividencia que não é—tranzigindo, recuando, cruzando os braços, com blandicias e ternuras—que se pôde, neste transe grave, superar as dificuldades da situação.

Os sinceros republicanos reclamam e exigem uma cousa logica e justa.

Que cesse o periodo largo da cordialidade e da tolerancia compassiva, porque os inimigos da Republica—que são confessos adversarios da paz e da regeneração nacional—dão sobejo motivo a uma intervenção energica.

Está o governo constituido apto para esta missão delicada, para esta impetiosa obra de defeza?

Francamente, não nos parece que assim seja.

Não duvidamos das convicções e das boas-intenções dos homens do poder.

Mas julgamos, no seu conjunto, o actual ministerio de feição demasiadamente conservadora e tranzigente *ultra-cordial*, para poder de pronto mudar de orientação.

Seja, porem como fôr, venha o remedio que as circunstancias exigem e passem embora os homens, mas salve-se a dignidade da Republica e o decôro do regimen.

## Comentarios

### Os conspiradôres

Proseguem as averiguações a respeito do ultimo movimento monarquico.

Parece-nos que, apesar do governo propalar que tem na mão toda a *meada*, ainda não consegue desta vez apanhar o fio-principal da conspirata.

Tam pouco evitará novas intenciones, não obstante o descredito em que se afundam pela sua ineptia e maldade os amadôres de conspirações.

A vêr se nos enganámos...

### Tambem por cá

As praias do norte parecem destinadas a servir de coito a certos individuos que se dão o *sport* de conspirar contra a Republica. A aristocratica Granja para não desmentir as tradições tem por lá a *flna flr* dos adeptos de antigo regime Espinho por *snobismo* imita os da Graoja. E' que alguns dos nossos burguezes não querem que a Granja, com os seus pergaminhos, tenha a primazia da fidelidade ás velhas instituições ora decaídas.

Convençam-se que perdem o tempo e o feito.

### Mais calmos

Aquêles patriotas que combatiam a nossa participação na guerra europea, acalmaram agora as suas furias germanofilas.

Este facto, coincidindo com a liquidação da ultima conspirata, é de veras significativo.

Liquidados e calmos, graças a Deus!

### No prégo?

Costuma dizer-se que tratar das bombas é officio-leve. Se, em vez de *bombeiros*, propriamente ditos, os sujeitos são apenas musicos com habito de bombeiros, a profissão além de leve, deve ser divertida. Pois um destes, achando a farda pezada foi-a alijando pondo-a dependurada num prégo! Belo serviço.

## AOS DEFENSORES DA REPUBLICA

Gostosamente damos publicidade á seguinte carta, que o nosso amigo Monte negro dos Santos, administrador deste concelho, nos acaba de mandar:

«Meus amigos

Na impossibilidade de me dirigir pessoalmente a cada um—o que, aliás, poderia originar alguma falta, embora involuntaria—pe-

ço-lhes que me autorizem, por meio do vosso semanario—velho e destemido soldado da Democracia— a transmitir aos bons republicanos de Espinho, sem distincção de côr politica, o reconhecimento do Governo da Republica pelos serviços por todos prestados por ocasião da ultima tentativa realista.

Satisfazendo assim as determinações de S. Ex.<sup>a</sup>, o Illustre Chefe do Governo, aproveito o enejo para igualmente a todos esses elementos civis patentear a minha gratidão, bem sentida, pelo valoroso auxilio que me prestaram no patriotico intuito de defender a Republica, procedimento que me apraz consignar e a todos nobilita.

Saude e Fraternidade

Espinho, 30 de Outubro de 1914.

O administrador do concelho,

Montenegro dos Santos

## Casos e Noticias

**O tempo e o mar**—Nos ultimos dias da semana, o inverno desencadiou sobre nós as suas furias. Veiu a chuva; e vento, um tanto desabrido, fustigou-nos com certo desamôr.

O mar agitado não permitia os trabalhos de pesca.

**Desastres**—No domingo ultimo, á partida do comboio-correio, deu-se na estação ferro-viaria da Companhia Portugueza, um desastre de veras lamentavel. Um guarda-freio, que se occupava nos serviços de iluminação do comboio, caiu sobre a via, entre os vagões, e sendo colhido entre as rodas, foi traçado pelas rodas, morrendo pouco tempo depois.

—Em Paramos travaram-se de razões uns maritimos e soldados da guarda-fiscal. Do conflicto resultou a morte de um rapaz, pertencente á classe piscatoria.

A justiça militar procede.

**Banhistas**—Apesar das intemperies do tempo, ainda por cá se conservam muitos banhistas. Os cafés e centros de reunião mantem uma regular concorrência e bastante animação.

**Cinematografos**—O Cinema—Jardim—Sport está já arranjando as malas para retirar.

Deu, porem, na quinta-feira um espectáculo em que os preços foram aumentados, a beneficio duma pobre família de tuberculosos. A fita apresentada é original e duma extraordinaria beleza. No dia

em que damos esta noticia não podemos dizer se será este espectáculo o fecho da temporada; mas parece-nos que sim.

O Salão Avenida continua dando *films* originaes que conservam o espectador atento até ao seu final para não deixar escapar nenhuma das emocionantes peripecias de que eles estão recheados. Parece-nos que será este o unico salão cinematografico que funciona d'inverno, pois que a noticia que nos deram do outro projectado, parece-nos bem que foi uma fita que se desenrolou pela primeira e ultima vez.

Não podemos dar noticia mais circunstanciada dum e doutro porque diversos afazeres nos tem inibido de assistir ás suas sessões. Fazemos obra por informações que nos merecem todo e credito.

Na quinta-feira o Salão Avenida com um fim verdadeiramente altruista, deu um maravilhoso espectáculo, com umas soberbas fitas—Um bom partido—Tedy padece do coração—Professor misterio—Perfume do Polidor—O produto deste espectáculo reverteu em beneficio dos feridos da guerra.

Assistimos a ele e devemos dizer para sermos justos, que a projecção é admiravel, e que a nitidez das imagens não pode ser excedida.

Não podemos deixar de louvar a generosa iniciativa deste beneficio, e só desejamos que o seu produto seja superior aos desejos da empresa, á qual enviamos as nossas felicitações.

## Pelo Paiz Pelas Gazetas

As cartas que o Snr. Conselheiro Alpoim tem feito inserir no Janeiro, provam exuberantemente a sua dedicação extrema pela Inglaterra e pela França; mas provam tambem que não pode exteriorisar essa simpatia, pelo inaudito pavor que lhe causam os celebres morteiros de 42!

Calcula este Snr. que se a repercussão do estonteante troar de tão maquiavelico canhão, opera a milhares de leguas uma tão grande desenvoltura intestinal, que *vis-á-vis* d'essas formidaveis maquinas de guerra, o efeito deve ser tal que o inimigo das guarnições d'eles, deve evolvar a alma para os espaços eternos quando o abalo das camadas atmosfericas ch car o seu rico corpinhol!—Descance o Snr. Conselheiro que esses mastodontes belicosos não podem podem, pelo seu peso, acompanhar as frequentes evoluções dos exercitos em campanha, e só servem para o tiro a alvos fixos como são as fortificações. Formar a base de *beton*. graduar a pontaria, retirar a guarnição em automovel para 500<sup>m</sup> á retaguarda, são operações que não se condemnam com a celeridade exigida pa-

ra o tiro nas linhas moveis de bata-  
lha.

Um mui digno official do exerci-  
to Sr. André Brun estancou-lhe as  
lagrimas, que iam já deslizar pelo  
seu rosto, com uma carta que abaixo  
transcrevo.

E' a de uma alma portugueza  
de lei, que demonstra claramente  
que o seu sangue está hemogloboni-  
sado, da mesma forma que os  
dos nossos antigos campeões, cu-  
jos nomes a historia lusitana ha-  
de perpetuar.—Aquele que por  
uma simples carta faz vibrar de  
entusiasmo o leitor ha-de forçosa-  
mente causar assombro ás hostes  
inimigas pela sua heroicidade.  
Não posso deixar de me felicitar  
por ser camarada de tão distinto  
official do nosso exercito Segue a  
carta:

Sr. Conselheiro:

«Os meus afazeres não me  
permitiram ler seguidamente a  
série de artigos em que v. ex.<sup>a</sup>  
combateu a nossa intervenção no  
conflito europeu. Tive, porém, oca-  
sião de notar que era ás suas  
conclusões, sempre apavorantes,  
que os inimigos da Republica e os  
medrosos iam buscar quasi sem-  
pre os seus melhores argumentos  
para as dissolventes palestras de  
esquina, pois que a minha opi-  
nião de v. ex.<sup>a</sup> era citada como  
um texto do Evangelho. Sei que  
v. ex.<sup>a</sup> numa das suas ultimas  
cartas ao «Janeiro» declarava pôr  
termo á sua campanha e aguardar  
a primeira lista dos mortos e  
feridos portuguezes, para sobre  
ela derramar sentido pranto e  
apontar os responsaveis dessas  
vidas perdidas ou inutilizadas.  
Devo fazer parte da primeira leva  
do corpo expedicionario, e se os  
acazos da má fortuna quizerem  
que eu faça parte tambem da tal  
primeira lista para a qual v. ex.<sup>a</sup>  
reserva as suas lagrimas e á sua  
indignação, peço-lhe de ante-mão,  
sr. conselheiro, que me não chore  
e não lance sobre outrem as cul-  
pas do que me aconteceu. Sou  
official do exercito porque quiz  
sê-lo. Antes de entrar numa esco-  
la militar, já sabia que os exerci-  
tos se não aprestam só para uma  
paz comoda em que, envelhecen-  
do, se vão trepando os varios de-  
graus da escala que leva aos pos-  
tos superiores. Estudei nas mi-  
nhas aulas a composição dos gran-  
des exercitos, o funcionamento  
dos mais terriveis engenhos de  
guerra e persisti.

Durante os dez anos de official  
que passei sempre arregimentado  
e em contacto permanente com  
assuntos militares, tive ensejo de  
verificar a nossa preparação e, no  
entanto, as falhas que ela tem  
me levaram a dar a minha demis-  
são, antes, lastimando as, me  
conformei com elas. Habituei-me  
como soldado a aguardar e cum-  
prir ordens e não a discutir hi-  
poteses e probabilidades.

Hoje, neste momento grave,  
ainda me resta um recurso—o  
dos cobardes e o das almas tor-  
pes, que não sabem manter os  
seus compromissos: o de fugir,  
desertar. Mas não. Fico. Partirei  
com a magua natural de quem se  
aparta para um destino desconhe-  
cido, das suas afeições mais car-  
as e dos seus melhores sonhos  
de futuro, mas com a energica re-  
solução de quem vai cumprir o  
seu dever. Por conseguinte, se eu  
não voltar, não me chore, sr. con-  
selheiro. Tenho quem me chore  
melhor embora menos literaria-  
mente. Não lance a ninguém a  
culpa do que me suceder, porque  
partirei consciente e não arrasta-  
do. Ah! sim... os meus soldados,  
aqueles pobres rapazes, braços  
roubados á agricultura e ao ber-  
ço das mães... Eu farei a diligen-  
cia de os animar, de lhes dizer as  
palavras necessarias, e tenho a  
certeza de o conseguir, porque os  
conheço melhor que v. ex.<sup>a</sup>. Não  
lhes lerei para isso as cartas do  
«Janeiro». Isso não... Procurarei

dar-lhes o exemplo e recordar-lhes  
ei a nossa historia, que salvo o  
devido respeito que professo  
pelo alto talento de V. ex.<sup>a</sup>, e bem  
mais cheia daqueles incitamentos  
de que alma portugueza carece nes-  
te momento».

Este documento escrito a pro-  
posito da dissolvente campanha rea-  
lisada pelas cartas do sr. José de  
Alpoim, causou em Lisboa uma  
profunda e larga impressão.

No *Correio da Feira* de 24 de  
outubro, (orgão evolucionista) um  
tal S.<sup>r</sup> A. Monteiro escreve tambem  
uma carta ao Sr. Conselheiro Al-  
poim, que é *mutatis mutandis* a do  
Sr. André Brun. Nesta algumas fra-  
ses foram sujeitas á *evolução* ne-  
cessaria, para parecer *outra louça*.  
A sessão do jornal em que ella to-  
mou lugar, intitula se *Rabiscos* e  
nisso está a sua desculpa. Devia  
ter feito afinar as vibrações do seu  
ardor belico por outra diapason. E'  
muito para louvar á sensação que  
prova que sofreu o seu *Eu* intimo;  
mas pecon ao manifestal'a.

A seguir forneço aos meus lei-  
tores uma obra prima, que para  
não lhe tirar o verdadeiro sabor,  
transcrevo na propria lingua.  
Por ella verá qual o lugar que  
o *Kaiser* já tem marca o no céu,  
quando a sua alma tirana abandona  
o seu selvagem corpo.

### Alemanes contra el Kaiser

Ha sido publicado por el Comi-  
té de la *Liga alemana para la*  
*Humanidad* el manifesto seguinte:

«Queridos camaradas: El 11 de  
Agosto último, antes de que aban-  
donásemos Berlin, publicamos por  
mediación de un colega holandés,  
una advertencia.

Decíamos allí que el fin inevi-  
table de la guerra presente seria  
la destitución de un déspota cuyos  
projectos y cuyo verdadero carác-  
ter han aparecido ahora clara-  
mente á los ojos del mundo ente-  
ro.

Publicada esa advertencia en  
Paris, en Bruselas, en Londres y  
en Nueva York, ha quedado des-  
pués cruelmente demostrada por  
la horrorosa carniceria y las brutales  
destrucciones de seis sema-  
nas.

Tenemos un amor apasionado  
por nuestra patria, y aunque vivim-  
os en el destierro, la servimos en  
toda la medida que nos es posi-  
ble.

Por esto es que afirmamos abo-  
ra de nuevo que para todos los  
hombres que de corazón desean la  
dicha de la Humanidad, constituye  
un deber ineludible uni se para  
paralizar los locos projectos del  
kaiser y de los que le rodean, res-  
ponsables de los terribles crímenes  
que han deshonrado nuestra na-  
ción ante el Universo.

El kaiser, después de haber  
abusado y arruinado á la inocente  
Bélgica, toma ahora por su cuenta  
á Francia, que llena de sangre  
y de victimas.

Debe ser evidente en la actuali-  
dad para todo hombre honrado,  
sin distinción de raza de creen-  
cias ó de partidos, que no puede  
haber apaciguamiento en las pre-  
sentes hostilidades, paz durable,  
seguridad para los derechos de  
hombre, protección para la demo-  
cracia contra el bandolerismo y la  
muerte, hasta que la dominación  
imperial de Prusia sobre Alemania  
no termine y quede siempre extin-  
guida.

Entonces, y solamente enton-  
ces, podrán revivir Baviera, Wur-  
temberg, Sajonia y Hannover; en  
tonces, solamente, podrá Polonia

verse libre de la opresión de un  
monarca cuya conducta ha desli-  
gado á sus hijos del juramento de  
fidelidad prestado.

Rotterdam, 20 Septiembre 1914  
Karl Bernstein, Emil Gott, Feany  
Caucen, Jacob Marneldorp, Gus-  
taw Ochs, Eratz Schuster.»

Fizemos uma referencia ao can-  
hão de 42, e natural se torna fazer  
dele uma detalhada descrição.  
Para ampliar devo dizer que o  
projectil produz no terreno uma ex-  
cavação de 1.<sup>m</sup>5 de profundidade  
e 3.<sup>m</sup> de diametro. Alguns inglezes  
que se achavam proximos do sitio  
aonde caiu um projectil deste mon-  
stro, ficaram verdadeiramente so-  
tterrados, e indo logo alguns cam-  
aradas deles tirar-lhes a terra  
que os cobria, acharam-n'os vivos.  
O projectil expellido por este  
canhão é perfeitamente visivel na  
sua trajetória e dá tempo a arredo-  
do sitio que deve ser tocado. Este  
monstro é o *papão* dos alemães.  
O seu efeito torna-se só util contra  
os muros das fortificações perma-  
nentes e edificios interiores das  
praças fortificadas.

### O canhão de 42

Peso do projectil, seu al-  
cance, seu comprimento  
e sua carga.—Preço do  
tiro e preço da peça

Um cronista de Berlin, Karl  
Eisenack, descreve a peça de 42  
na parte restrita da construção e  
das qualidades, em que ella tem  
poderido ser conhecida na Alemanha.  
Pelo artigo de Eisenack podemos  
informar os leitores de que o fa-  
moso canhão não pôde ser clas-  
sificado de morteiro, mas sim de  
um obuz, ou seja uma arma de  
precisão, que nunca pôde ser da  
categoria dos morteiros, grosseira-  
mente rudimentares. O obuz de 42  
pôde servir de duas maneiras: como  
canhão de tiro rector (trajetória  
tensa), e propriamente como obuz,  
que é como geralmente se em-  
prega (trajetória curva). No primeiro  
caso, um sistema de tubos suple-  
mentares que se acrescentam ao tu-  
bo principal permite dar a este u-  
ma longitude de 21 metros. Fica  
assim, um verdadeiro canhão  
monstro, como nem o sonharam  
Julio Verne ou Wells! O seu al-  
cance, assim, de tiro ao alvo, é  
de 30 kilometros, e de tiro incer-  
to, é de 40. Como obuz, com o seu  
angulo de tiro de 40 graus, o seu  
alcance é só de 14 kilometros. O  
peso da carga de polvera é de 850  
quilogramas e o do projectil 950,  
exato.

A peça pôde fazer um disparo,  
de dez em dez minutos, e a dura-  
ção total da resistencia do canhão  
é só de 120 disparos. O disparo faz-  
se electricamente e, antes de  
se produzir, os soldados que man-  
ejam a peça distanciam-se desta  
uns 500 metros, a fim de não  
morrerem asfixiados pela confla-  
ração dos 850 quilogramas de pol-  
vera que explode formidavelmente  
que tudo fazem cambaleiar em tor-  
do do horrivel engenho de guerra.  
A colocação na bateria deste mon-  
stro de aço necessita, para se fazer,  
de uma base falhada de morteiro,  
coberta de pranchas metalicas.  
Para fixar a peça na posição pre-  
cisa, é necessario o esforço de 250  
homens durante um periodo apro-  
ximado de 24 horas. A peça monta-  
se numa via sistema Decauville,  
e se não fosse assente em rails  
seriam precisos para removê-la  
uns 400 cavalos.

O tiro é assegurado por peças  
auxiliares de 14 centímetros. O  
preço de cada um dos tiros é de  
30.000 marcos ou sejam 9.000 es-  
cudos.

O preço do canhão é de dois  
milhões de marcos equivalentes  
a 600 contos, da nossa moeda—is-

to é, o custo de dois torpedos dos  
mais caros.

A Alemanha possui actualmen-  
te três baterias de duas peças  
testes leviatans da guerra. Efecti-  
vos muito importantes e cuidada-  
mente escolhidos entre as me-  
lhoras tropas, estão encarregados  
de guardar os canhões de 42, de  
forma a não poderem correr risco  
de ser capturados pelo inimigo du-  
rante qualquer batalha infeliz.  
Pretendeu-se que a poderosa ar-  
ma era já conhecida em Berne,  
antes de aparecer na guerra e que  
uão era mais que um aperfeiçoa-  
mento de certo canhão que a casa  
Krupp oferecera á Italia, tendo  
sido recusado por esta após uma  
experiencia inefficaz—a qual teria  
provado que o efeito do projectil  
era grande, mas a dispersão do  
tiro era ainda maior. Diz, porém,  
o cronista Eisenack que o canhão  
de 42 não foi oferecido nunca a  
nenhuma nação, pois que a sua  
construção, foi, até ele surgir na  
guerra, um segredo na propria  
Alemanha. Apenas o estado-major  
dele sabia e conservou-o religio-  
samente. Em França disse-se que  
o inventor do terrivel engenho era  
um antigo official de artilharia,  
de nacionalidade suíça, mas natu-  
ralizado alemão, de nome Korrodi.  
Este official teria estado durante  
alguns anos a desempenhar o lo-  
gar de engenheiro, na casa Krupp  
que, por fim, o enviara como seu  
representante para Berne. Eisen-  
ack diz não poder perfilar tal ver-  
são porque até ao exercito germa-  
nico se não sabe quem foi o inven-  
tor do já agora celebre «canhão de  
42».

E' possivel, porém, que o cro-  
nista queira fazer conservar num  
ambiente misterioso os dados re-  
lativos á origem do formidavel  
aparelho de destruição.

Segundo uma profecia dum as-  
trotologo, será o periodo que vae de  
41 de outubro á 3 de novembro, bem  
critico para o mefistotelico *kaiser*.

Eduardo Marrecas Ferreira.

### Decifração prometida

Por esquecimento deixámos de  
dizer quaes são as creaturas mais  
leves do mundo  
São as de Liège (cortiça).

### Deslocamento por causa da guerra.

—Os moradores do N  
de Espinho, receiando que alguma  
unidade ou mesmo uma dezena  
alemã se introduza no Rio Largo,  
e de lá bombardeie os edificios, pe-  
diram ao ativo e zeloso manipula-  
dor da cadeia (não metrica) da  
Estação, José Mendes, para ele ir  
com ella, já que tão bem a man-  
bra, defender a entrada da barra  
do subdito Rio, a fim de dar a  
tranquillidade a que esses morado-  
res do N. d'Espinho tem direito.  
Consta-nos tambem que o tal em-  
pregado já fatigado com a man-  
obra das cancelas, vae deixar de as  
abrir e quem quizer passar, que  
tome logar num *Zeppelin* que ele  
vae adquirir. Pediu Emulsão de  
Scottem altos gritos á Companhia;  
mas ella abanou as orelhas, e não  
lhe satisfiz o pedido. Ele de nou-  
te sonha com as suas queridas ca-  
deia e cancela.

A proposito perguntamos nós,  
não, poderiam as cancelas fechar-  
se só pouco tempo antes da pas-  
sagem dos comboios?

### A loucura guerreira

Um italiano, um suave latino,  
escreveu há dias estas palavras:  
Chegou finalmente o dia da ira após os  
longos crepúsculos do medo. Paga-se final-  
mente o dizimo das almas para limpeza da  
Terra.

Era preciso enfim um quente banho de  
sangue negro, após tanta umidade e tepidez  
de leite materno e de lagrimas fraternas.  
Era necessaria uma bela rega de sangue  
para a seca de agosto, um rubro transvaza-  
mento de mosto para as vindimas de setem-  
bro.

.. Somos demais. A guerra é uma  
operação miltusiana. A guerra abre vazios  
para que se respire melhor.

Entre tantos milhares de cadáveres  
abracados na morte e diferentes agora só  
na cor da roupa, quantos haverá, já não di-  
go merecedores de pranto, mas dignos de  
recordação? Apostaria a cabeça que não  
chegam aos dedos das mãos e dos pés jun-  
tos. E essa perda, ainda que não fosse um  
ganho para a memória, seria mil vezes com-  
pensada pelas centenas de milhares de an-  
tipáticos, poltrões, malandros, idiotas, odia-  
dos exploradores; infelizes, estúpidos e de-  
graçados que se safaram do mundo duma  
maneira rápida, nobre, heroica e talvez van-  
tajosa para os que ficam.

Não nos venham cá lançar em rosto,  
em guisa de peroração, as lagrimas das  
mães. Para que podem servir as mães, de-  
pois de certa idade, senão para chorar?

.. A guerra, enfim, faz bem á agricul-  
tura e ao modernismo. Os campos de bata-  
lha rendem por muitos anos muito mais do  
que antes, sem necessidade de outro adubo.  
Que belas couves hão de os franceses como-  
nos lugares onde se amontoaram os solda-  
dos alemães e que grandes batatas se hão-  
de arrancar na Galicia no ano que vem!

As feras e os doidos, em tem-  
po de guerra, andam á sóta, mes-  
mo fora dos campos de batalha.

Verdade seja que o bruto que  
escreveu as palavras acima tradu-  
zidaa difere apenas em franqueza  
e brutalidade de muitos que pen-  
sam da mesma forma.

### Os Dois Anos

Um cavalo que tinha o rei no bôjo  
Disse ao magro jumento de um moleiro:  
—Da minha raça, tu causas-me nójo:—  
Tu fazes rir: és menos que um sendeiro.

A mim me adornam selas e xaireis,  
Magníficos arreios e gualdrapas;  
Em mim cavalgam principes e reis,  
Homens de guerra e belas damas guapas.

E tu, que sobressais pelas orelhas,  
Sôbre essa albarda que te adorna a espinha  
Que levias, asno? diz. Canastras velhas,  
Teu dône, um ôdre, ou sacos de farinha.

—E' verdade o que dizem,—disse o burro  
Sou humilde, nem pompas alardeio;  
Mas trago a boca livre e livre zurro,  
E tu, pedaço de asno, andas de freio.

João Penha

### Profecia socialista ou patriótica?

O falecido socialista alemão  
Augusto Bebel, na sua brochura  
*O exercito permanente e as mili-  
cias populares*, publicada em 1900,  
escrevia o seguinte: «Uma guerra  
entre duas grandes potências eu-  
ropeias trará inevitavelmente, com  
precisão matemática, uma guerra  
europeia». Noutro ponto, dizia:

A esquadra alemã, seja qual for a sua  
força, será aniquilada pela armada inglesa.  
A Alemanha perderá todas as suas colónias  
logo no dia seguinte ao da declaração da  
guerra. E como o Japão deverá inevitavel-  
mente aliar-se com a Inglaterra, perder-se-  
hão todas as conquistas feitas á costa de  
enormes sacrificios no extremo Oriente. Pe-  
recerá a marinha mercante germânica e a  
Inglaterra apossar-se hã de todos os mar-  
cados teutónicos. A guerra contra a Fran-  
ça, ajudado e pela Rússia, provocará a des-  
truição completa do poderio alemão. A Fran-  
ça obterá a Alsacia e a Lorena e talvez a  
margin esquerda do Reno tambem. A Rus-  
sia realizará os seus votos fôrtimos e arreio-  
dará os seus dominios polacos deitando a  
mão ás embocaduras do Niemen e do Vístu-  
la, e a alguns portos maritimos como o  
trapeso... A Alemanha não tornará a alcan-  
çar victorias faceis, como pretendem os ne-  
scios manuais escol res e a nossa grande  
imprensa. Há de ser uma sangria total...  
A guerra paralizará na Alemanha o comér-  
cio e a industria, paralizará a exportação.  
Ora, nas condições actuaes, a Alemanha não  
pôde existir sem exportação. A desocupa-  
ção será terrivel. A importação será tam-  
bem detida. Ora, a Alemanha não pôde vir  
sem importação. O país sofrerá uma  
fome geral.

Bebel mostrou, segundo par-

ce, que via bem ao longe, apesar da zombaria que acolheu a sua brochura na Alemanha, por parte dos políticos e dos arrogantes militarões.

O jornal que nos oferece esta transcrição não nos diz, porém, que sentimentos animavam Bebel ao fazer esta profecia. A preocupação socialista e internacionalista da paz e do desarmamento? O

desejo de mostrar onde conduzia o imperialismo, a paz armada? Ou a preocupação patriótica da derrota alemã?

Seria preciso conhecer a brochura toda e as ideias manifestadas por Bebel em outras ocasiões. Essas ideias nem sempre se revelaram muito internacionalistas, sobretudo nas sessões do parlamento...

# GUERRA EUROPEIA

## França

### A grande batalha

Progresso dos aliados — As forças inglesas repelem os alemães

**BORDEUS, 30** — Comunicação oficial das 3 horas da tarde:

Na extrema esquerda, as inundações provocadas pelo exercito belga no vale inferior de Yser, obrigaram as forças inimigas, que tinham passado esse rio, a retroceder, tendo sido violentamente alvejadas pelas artilharias belgas e francezas, durante o seu movimento de retirada. Os alemães tentaram hontem violentissimos contra-ataques sobre os corpos do exercito francezes e britanicos que progrediam a nordeste e a leste de Ypres.

Ao fim do dia, as nossas tropas não tinham deixado de continuar o seu movimento de avanço nas direcções que lhes tinham sido designadas.

As tropas britanicas assaltadas em varios pontos ao norte de La Bassée por forças superiores tomaram energeticamente a ofensiva e reconquistaram largamente terreno primitivamente cedido ao inimigo. Em muitas outras partes na sua linha de combate, as forças inglesas repelleram igualmente os ataques alemães, fazendo-lhes sofrer perdas importantes.

No resto da linha não houve nenhuma acção de conjunto, mas sim apenas offensivas parciais, tanto da nossa parte

como do inimigo. Conseguimos progredir em quasi toda a parte, principalmente para a frente de algumas povoações entre Arras e Albert, nas alturas da margem direita de Alsue, a jusante de Soissons e d'uma e d'outra margem de Meuse, ao norte de Verdun. — (H.).

### Fracasso da ofensiva alemã

**LONDRES, 30** — O correspondente militar do «Times» constata que a grande ofensiva alemã parece ter fracassado muito e que as perdas dos alemães, nos dez ultimos dias, são superiores ás que tiveram desde o começo da guerra. — Part.

### As operações da esquadra inglesa

**MADRID, 30** — N'uma comunicação da embaixada inglesa, salienta-se o excelente resultado das operações da esquadra inglesa na costa da Belgica. As perdas foram muito reduzidas. No destroyer «Falcon», houve 24 baixas; no «Orillant», 12; e no «Trinald», 8 feridos. — Esp.

### CONCERTO PIRAMIDAL

«Rége a orquestra que, segura, Nas mãos tuas não dá tombo, Que eu do Parnaso n'altura, Não passo de tocar bombo»

Maximiano Rica

O' Rica, tem paciencia, E's modesto em desmazia: Pois impinges-m'a regencia. E vais p'rá pancadaria, Tendo tu mais competencia!

Proclamo, com todo o entono, A' gente que aqui me escuta: Tal distincção abandono, Porque vejo que a batuta, Está na mão do seu dono.

Deves crêr, Maximiano, Que seria enorme o tombo: Maestro Parmaziano Passares a mestre de bombo, Seria o fenbaquiano!

Dariam um cavacão Caliape e o proprio Apólo Vendo a melhor vocação Com o bombo a tiracólo E maçarêta na mão...

Váte illustre, por quem és Vê que pões em risco o lombo: Que o Pégazo, erguendo os pés, Prêga-te um coice no bombo E fura-o de lés a lés!

Se persistes em de pôr A batuta magistral, Podemos noutro teor, Formar troupe musical, Que deve causar ferror!

No lombo, em que és maestrino Tu zupas á minha bórdá; Eu arranco som divino D'um instrumento de córdá Que, por sinal... é um sino.

E de sópro um instrumento Em que se gerá a harmonia Eu toco, com sentimento: E' o fóle da freguezia Que ao organ fornece o vento.

O programa traço-o já: «Um sólo de bombo em ré, Repiques de sino em lá (Musica de Ma-senet) Marcha, com fóles, em fá.»

Eu e tu, neste concerto, Da gloria iremos ao prino Ante um demi monde expérto: Tocas bombo, eu toco o sino, Deve sár um ceu aberto!

Que inchentes e que ovações Em toda longa carreira, De Berlím até gneifres! E trarêmos a carteira E trasbardr de milhóes!

João Elias Jom-Jom

### Armazem

Vende-se ou aluga-se um em otimas condições. Serve para qualquer industria, na rua 24 proximo á fabrica das rolhas. Falar na casa contigua de Sandim.



### Indicações uteis

#### Horario de comboios

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes De Espinho ao Porto e vice-versa

Partidas de Espinho (horas e minutos) 2,31—6,9—6,45— (correio) —7,42—8,40—11,28— (recoveiro) —11,25—14,7—16,12—18,50—19,26— (onibus)—20,13 23,10—23,48 rapido

Chegadas a Espinho (horas e minutos) ,41—6,41—7,22 (onibus), 7,50—11,19—13,14—15,25—16,71 recoveiro 18,13—18,34 rapido) 19,57—21,4 (correio 22,45.

Companhiá do Vale Vouga De Espinho e até Espinho

Partidas (horas e minutos) 8 h. (até Vizeu)—16,1—(até Oliveira de Azemeis 18,50 até Sarnada .

Chegadas/ 17 horas e minutos 7,11 (de Oliveira de Azemeis—10,55 (de Sarnada—18,10 de Vizeu

### SERVIÇO da REPUBLICA

#### Taxa militar

#### EDITAL

A comissão do lançamento da taxa militar do concelho de Espinho.

Faz publico, nos termos do art.º 241 de decreto de 13 d'agosto de 1911, que durante o praso de quinze dias a contar da data deste, se acham patentes para reclamações, na repartição de finanças do concelho, as relações do lançamento da taxa militar, com relação á freguesia d'Espinho.

Decorrido este praso só serão admitidas reclamações por motivos supervenientes.

As reclamações serãe escriptas e entregues ao secretario de finanças.

E para constar se publica o presente e outros que vão ser afixados nos logares do estilo.

Repartição de Finanças do concelho d'Espinho 15 de Outubro de 1914.

O Secretario de finanças

Antonio de Castro Costa Real

#### Edital

A Junta dos Repartidores da Contribuição Industrial do Concelho de Espinho

Faz publico que, na Repartição de Fazenda d'este concelho ha de estar patente, por espaço de dez dias, a contar do dia 1 do proximo mez de Novembro desde as dez horas da manhã até ás 3 da tarde, a matriz da contribuição de decima de juros do corrente anno, afim de poder ser examinado pelos contribuintes, que tem direito a reclamar dentro

d'este praso tendo só por objecto:

- 1.º— Erro na designação das pessoas e moradas;
- 2.º— Indevida inclusão ou exclusão de contribuintes;
- 3.º— Erro no calculo da importancia da contribuição, ou na terminação da taxa de juros;

As reclamações e recursos serão individuaes, assignadas pelos reclamantes e escriptas em papel sellado com taxa de \$10 por cada meia folha; e com a mesma taxa devem ser sellados os documentos com que forem instruidos.

E para constar se passou o presente com outros de equal theor que serão afixados nos logares do costume.

Espinho 22 de Outubro de 1914

O presidente da Junta,

Alvaro José d'Almeida

### Biblioteca d'A Sementeira

- O governo revolucionario, P. . . . . 2 ct.
- Krapótkine . . . . . 2 >
- A confederação do trabalho, P. Delessalle . . . . . 2 >
- Aos camponezes, B. Mella . . . . . 2 >
- Os bastidores das guerras, P. Krapótkine . . . . . 3 >
- Teatro livre arte social, E. Silva . . . . . 2 >
- O rei e o anarquista, Liberta . . . . . 2 >
- Semeando para colher, C. Dias . . . . . 2 >
- O dia de oito horas, C. G. do Trabalho . . . . . 2 >
- Almanaque d'Aurora, para 1913 . . . . . 6 >
- Fotografuras de alguns revolucionarios, em bom papel couché . . . . . 2 >
- 4.º ano e até ao ultimo n.º publicado d'A Sementeira, 16 n.º, volume de 123 pgs. . . . . 80 >
- Os 3 primeiros anos d'A Sementeira, volume brochado de 292 pgs. com 35 fotografuras em bom papel couché . . . . . 1\$50 >

Pedidos de 5 exemplares terão 20 por cento de desconto; mais de 20 exemplares 30 por cento, além da redução já feita no preço primitivo de alguns folhetos.

Só serão satisfeitos os pedidos acompanhados das respectivas importancias, podendo ser dirigidos á redacção d'Aurora, Biblioteca A Vida, no Porto, ou á:

A Sementeira Cais do Sodré, 23 Lisboa—Portugal



## ANUNCIO

Conselho d'um amigo

E' ir lá só uma vez para  
ver.

Da Beira Alta e do Minho ha os melhores vinhos nas Agas Xabregas

Rua 6 n.º 36 e Rua 29 n.º 46 ESPINHO

## ALUGA-SE OU VENDE-SE

O prédio que faz frente ao Jardim no largo do Passeio Alegre em Espinho.

Informação no mesmo ou com José Fernandes no Café Chinês

## Gazeta d'Espinho

### ASINATURAS

Anno . . . . .	580
Semestre . . . . .	340
Brazil— . . . . .	1650
Avulso . . . . .	502

### Publicações

Por linha . . . . .	304
Repetições—linha . . . . .	302
Imposto do selo . . . . .	301
Os assinantes tem o desconto de 10 %.	
(Pagamento adiantado)	

Anuncios permanentes, contrato especial.

Anunciam-se todas as publicações de que nos seja enviado um exemplar.

A redacção não responde pela doutrina e opiniões dos escritos que lhe não pertençam.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração deste jornal rua desenove n.º 36 Espinho.

## NOVA MOBILIADORA ECONOMICA DE ESPINHO

### Pimenta & Rocha

N'este estabelecimento encontram-se moveis, estofos, tapetes, e oleados, camas de ferro e colchoaria. Fabricação por nossa conta. Aceitam-se encomendas para cofres, fogões de grande escala. Concerntam-se moveis, preços sem competencia.

Rua 21 (antiga Rua do Retiro) e Rua 18 n.º 109 proximo ao novo mercado.

Satisfaz-se com rapidez qualquer encomenda e garantimos as nossas construçoes.

## Typographia Peninsular

DE

### Monteiro & Gonçalves

Rua dos Mercadores, 171  
TELEPHONE, 737

PORTO

Nesta officina imprime-se com perfeição, rapidez e a preços excessivamente baratos, todo e qualquer trabalho que se diga concernente á arte typographica, taes como:

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de estabelecimento, enveloppes, jornaes diarios e semanaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc. para o que a grande abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

Bilhetes de visita a 150 e 200 réis o cento

Bilhetes de rifa a preços baratos

Bilhetes de Luto para agradecimento

Enviase na volta do correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

### Teem à venda

Rol da Lavadeira para 52 semanas, indispensavel ás boas donas de casa

Pedro Sem, veridica interessante historia Carta á Virgem, historia, presa e verso.

## Hotel e Restaurante CAFE CHINEZ

DE

José Fernandes do Lago  
Praia d'Espinho

Aberto todo o anno Proximo á es-  
tação.

## Fotografia

### Carvalho

Espinho

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcellana.

Retratos reclame desde 500 reis.

Ampliação inalteraveis desde 25000 reis.

Novidades efeitos de luz, estran-  
ormação de vestidos e penteados,  
etc., etc.

Quem deseja adquirir um bom  
retrato a preços que ninguém po-  
de egualar, não hesite em procur-  
rar sempre nesta casa.

Officina mechanica de cortona  
gem photographica.

## HOSPEDRIA AMORIM

Rua 21 (antiga Rua do Retiro) N.º 66 e 68.

Esplendido Retiro. Al-  
moços ao ar livre.

Jogo de malha e outros  
divertimentos.

Aberto todo o anno e até  
ao ultimo comboio do Porto.

O proprietario da hospeda-  
ria. Francisco Pinto F.  
Amorim (vulgo Chico do pipo).

## MONTENEGRO DOS SANTOS NOTARIO PUBLICO RUA AZ D'OLIVEIRA ESPINHO

### ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

Passelo Alegre 10

Em frente ao cuneto da Graciosa

## CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

Rua 19 (antiga Bandeira Coelho)

ESPINHO

Medicos cirurgicoes:

### J. PINTO COELHO

RESIDENCIA:

Avenida Graciosa, 71

### J. CORREIA MARQUES

V. a d'Oliveira, 1

## FOTOGRAFIA EVARISTO

Avenida sêrpa Pinto,

ESPINHO

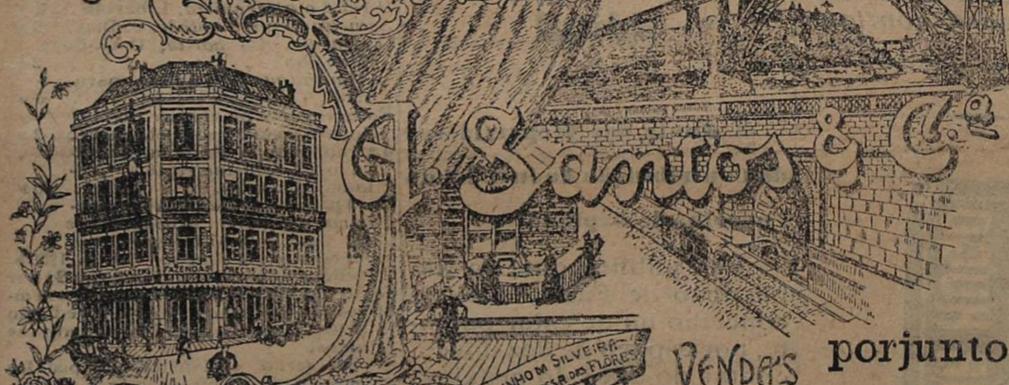
Execução perfeita de qualquer  
ratbalho photographico.

Retratos em todos  
os generos.

Reproduções de qualquer  
retrato por mais an-  
tigo que seja

Construção de trabalhos  
fotograficos

## GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS



## A. Santos & Co

VENDAS porjuncto

SORTIDO COMPLETO DE FAZENDAS ECONOMICAS  
ESPECIALIDADE EM PANNOS BRANCOS, MORINS INGLEZES  
E PANNOS CRUS.  
SLAS, CANTAS

FLANELLAS, RISCADOS, CHALES, LENÇOS, MALHAS, CACHENÉZ e MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

## COLEGIO—LICEU

Rua Castro Matoso, 8 (Bairro de Santa Cruz)

COMERA

Conego J. D. Dias de Andrade

DIRECTOR

Este collegio, situado num dos melhores locais de Coimbra, foi ex-  
pressamente construido para o fim a que se destina; tem magnifico  
sentos para os alunos e diversos salões para o funcionamento da  
rulas.

O Collegio—Liceu recebe alunos para instrução primaria e para  
instrução secundaria.

O corpo docente do Collegio é constituído por professores de  
conhecida e comprovada competencia